

A “toilette do morto”

Vera Casa Nova*

Martin Mueller transcreveu 5 aulas do escritor Jorge Luíz Borges num livro chamado **Borges Oral** (Borges, 199). Diz Martin Mueller que ao transcrever as gravações magnetofônicas foram eliminados alguns erros, alguns tropeços e hesitações. “Para conservar a sua frescura oral, mantiveram-se alguns modos de dizer, certas reiteraões enfáticas e, naturalmente, os esplendores verbais, poéticas ou filosóficas do discurso borgiano”.

Por outro lado, Borges diria: “antes de começar a falar, se sinto que se estabelece com as pessoas uma transmissão de pensamento – melhor dizendo, uma transmissão de pensamento –, então a conferência corre bem. E se consigo pensar em voz alta, estou realizando uma boa conferência”.

Tanto a fala de Martin quanto a de Borges são reveladores. Eles nos mostram a importância, da transmissão de sentimento e do pensamento, mediado pela voz e pelo corpo.

A transcrição de textos orais tem sido questionada e parece de difícil solução tanto na Literatura quanto na História.

Transcrição ou transcriação?

A *transcrição* direta, mantendo *ipsis oralis* é de grande interesse lingüístico, mas não necessariamente literário, a não ser que a voz possa ser traduzida para o leitor. Nesse momento pense-se, também, nos processos de *transcriação*, em que se tenta trazer o silêncio, os interditos para o texto escrito e

* Professora de Literatura Brasileira – FALE/UFMG.

faz-se um exercício de recriação.

No caso específico de levantamento de contos orais, centra-se nossa atenção no texto/emissor – o contador de histórias – nos sentidos presentes na vez e no corpo durante sua narrativa.

R. Barthes, no **Grão da voz** diz-nos:

Falamos, gravam-nos, secretárias diligentes escutam as nossas palavras, depuram-nos, transcrevem-nos, fazem-lhes a pontuação, tiram um primeiro script que submetem à nossa apreciação [...]. Não será que acabamos de acompanhar a "toilette do morto"? A nossa palavra, embalsamamo-la, tal como uma múmia, para a tornar eterna. Pois, é bem preciso durar um pouco mais do que a voz; é bem preciso, através da comédia da escrita, inscrever-se nalgum sítio. Como é que pagamos esta inscrição? O que é que deixamos escapar? O que é que ganhamos? (1981. p. 9)

O que deixamos escapar? O que ganhamos? São as questões que nos colocam no âmbito da travessia da oralidade para a escrita. Digo travessia pelo valor simbólico que aí se inscreve, tanto para o emissor, quanto para o receptor.

O contador de história, informante dos contos de tradição oral, é mito, é imaginário, é memória, é o oral em estado puro. Ao fazer a transcrição, o pesquisador, ainda marcado pelo corpo, pela voz, pelo conto do contador, tenta reconstituir a sua fala pelos variados meios que possui. Fidelidade é a maior preocupação no encontro do oral com o escrito.

Mas como pensar a fidelidade durante essa travessia?

O que se transmite é a tradição marcada pela vivência, pela cultura. Viva ou morta essa tradição é sempre revisitada pelo contador de história que a vivifica naquele dado momento. Texto morto, texto vivo. Ou seja, voz e corpo no ato da narrativa oral são elementos catalizadores dos sentidos que o contador tenta passar para o ouvinte. Mas ele o faz com inflexão de voz, modulações, meneios do corpo. Toda uma gestualidade fática ali se coloca com o fim de produzir sentidos, que vindas diretamente da tradição cultural, tentam se fixar. No ato da transcrição essa *perda* é lamentável.

Fragmentos fáticos como "né?!" "e aí", os silêncios, os intervalos, o "olha", e tantos outros "mas" e "portanto", interpelações variadas, são economizadas na escrita. Lembra-nos Barthes que "a escrita economiza-os muitas vezes; ateve-se a usar o assinteto, essa figura cortante que seria tão insuportável para a voz como uma castração". (1981. p. 10)

É um canto que não canta mais quando é registrado pela escrita. O que se perde é o corpo que procura outro corpo no ato da narrativa oral. A transcri-

ção para o escrito realiza a travessia de um corpo para o outro. Um corpo vivo para um corpo morto, que só a literatura é capaz de ressuscitar.

O corpo do narrador (escrito) é diferente do corpo do contador de histórias. Papel e pele. Invólucros diferentes para mostrar que o leitor é diferente do ouvinte.

A escrita traz para o leitor outros sentidos possíveis em novo imaginário – guiado pelo “pensamento”, ou pela racionalidade que se instaura no ato da escrita.

Lourenço Rosário na introdução de *O conto Moçambicano* (1994) diz que “era imperioso abrir um espaço textual, onde a literatura moçambicana apresentasse as suas marcas essenciais, destacando-se entre elas o parentesco geno-textual entre a literatura escrita e a de tradição oral.

Aqui no Brasil, o mesmo podemos identificar com a literatura negra de terreiros de candomblé, existente na Bahia, com mestre Didi. São contos de tradição oral que agora se encontram editados, mostrando marcas entre a tradição oral afro e a literatura escrita.

Sabemos no entanto que “a escrita não é a fala” e que “escrever não é transcrever”. O trabalho do pesquisador, que fica entre o excesso de oralidade e a transcrição castradora, é uma experiência do sujeito cindido, e repassa para o leitor esta cisão, ao mesmo tempo prazerosa e preocupante, com relação ao futuro dessa literatura.

A literatura escrita de procedência oral tem-se mostrado pertinente, mesmo que transformada em relação à sua origem. Os contos de fadas mostram isso. Tradição e memória aí se juntam ao literário, depois de um trabalho do escritor que vários teóricos e historiadores da literatura noticiam, como A. Jolles, J. Le Goff e Robert Darnton.

A transformação é, parece-nos, inevitável. Do contador de histórias que recebe o conto, até o leitor, uma rede de significantes vai sendo tecida no tempo e no espaço junto ao processo de significação, este também marcado pelas transformações sócio-econômicas, políticas e individuais.

Da memória oral à memória escrita fica-nos a riqueza da tradição oral e parte da história do corpo na literatura, ora contada, ora narrada, como elementos presentes através de suas percepções e significações em texto.

Vejamos, por exemplo dois contos orais que passaram a escrito:

“O Rei, o Teimoso e os Burros”, colhido por Abiatar Cossa (Godinho & Rosário, 1994, p. 103), a partir de contos tradicionais da zona de Magude, Maputo, cedido pelo Serviço de Cultura Popular da Rádio Moçambique à revista *Tempo*, 1979, é exemplo de transcrição com acertos escritos, aspecto do conto de tradição oral em que o narrador sempre apresenta uma lição.

Não se trata mais do contador de histórias com seu corpo flagrado na realidade, mas uma recriação que traz outras marcas, as da escritura.

A experiência de Belém Conta... e Santarém Conta apresenta duas etapas: a 1ª) os textos são apresentados tal qual transcritos pelos pesquisadores do programa do "Imaginário nas formas narrativas orais populares da Amazônia paraense". Marcas da oralidade frequentes, expressão de transcrição; 2ª) as recriações, livres exercícios de criação dos pesquisadores a partir de narrativas recolhidas.

Fica-nos a pergunta: qual será a melhor solução? A História talvez tenha alguns subsídios para nos propôr. Enquanto isso devemos recolher, transcrevendo ou transcribando para não perdemos essa riqueza, esse filão de literatura oral popular.

Referências bibliográficas

BARTHES, Roland. **Grão da voz**. Lisboa: Ed. 70. 1981.

BORGES, Jorge Luís. **Borges Oral** – Conferências. Buenos Aires: Emeré, 1995.

GODINHO, Maria Luísa e ROSÁRIO, Lourenço do (orgs.) **O conto moçambicano da oralidade à escrita**. Rio de Janeiro: Te Corá Editora, 1994.

Outras publicações da Editora PUC Minas

ARQUITETURA – CADERNOS DE ARQUITETURA E URBANISMO – Departamento de Arquitetura e Urbanismo
BIOS – Departamento de Ciências Biológicas
CADERNOS DE CIÊNCIAS SOCIAIS – Departamento de Sociologia
CADERNO DE CONTABILIDADE – Departamento de Ciências Contábeis
CADERNO DE ENTREVISTAS – Departamento de Comunicação Social
CADERNO DE ESTUDOS JURÍDICOS – Faculdade Mineira de Direito
CADERNO DE GEOGRAFIA – Departamento de Geografia
CADERNO DE ODONTOLOGIA – Departamento de Odontologia
CADERNO DE REPORTAGENS MALDITAS – Departamento de Comunicação Social
CADERNOS DE ADMINISTRAÇÃO – Departamento de Administração
CADERNOS DE BIOÉTICA – Núcleo de Estudos de Bioética
CADERNOS DE ECONOMIA – Departamento de Economia
CADERNOS DE ENGENHARIA – IPUC – Instituto Politécnico da PUC Minas
CADERNOS DE HISTÓRIA – Departamento de História
CADERNOS DE LETRAS – Departamento de Letras
CADERNOS DE SERVIÇO SOCIAL – Departamento de Serviço Social
EDUCAÇÃO – CADERNOS DO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – Departamento de Educação
ENFERMAGEM REVISTA: CADERNOS DE ENFERMAGEM – Departamento de Enfermagem
EXTENSÃO: Cadernos da Pró-reitoria de Extensão da PUC Minas
HORIZONTE – Revista do Núcleo de Estudos em Teologia da PUC Minas
ORDEM E DESORDEM: CADERNO DE COMUNICAÇÃO – Departamento de Comunicação Social
SCRIPTA – Revista do Programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas e do CESPUC
SPIN – ENSINO E PESQUISA – Departamento de Física e Química
VERTENTE – Revista da PUC Minas Contagem

Composição Eletrônica:

EMS • Telefax: (031) 296.3055

Impressão:

FUMARC

Fundação Mariana Resende Costa

Av. Francisco Sales, 540 • Floresta

Fone: (031) 249.7400 • Fax: (031) 249.7413

30150-220 • Belo Horizonte • Minas Gerais

